



A multiplicação dos discos

Ex-profissional da rádio e comprador compulsivo de discos, Joaquim Paulo tornou-se o primeiro português a editar pela prestigiada Taschen. **Jazz Covers** já chegou às lojas

Texto de **Gonçalo Frota** Fotografias de **Gonçalo Fernandes Santos**

HÁ uns tempos, alguém perguntou a António Mega Ferreira durante uma entrevista quantos livros tinha. O presidente do Centro Cultural de Belém não esteve de modas: pegou numa fita métrica, mediu uma prateleira, contou os livros que estavam lá empoleirados e depois bastou puxar da calculadora e multiplicar por cada prateleira da sua casa para obter um número aproximado. Joaquim Paulo achou piada à ideia e resolveu aplicar o mesmo método à sua extensa colecção de discos. Feitas as contas, juntando todas as rodelas de vinil que forram as paredes das suas casas em Lisboa e no Porto, chegou à conclusão de que terá 25 mil discos. Sim, leu bem, são mesmo 25 mil.

Na casa lisboeta, o ex-profissional da rádio – depois de 23 anos largou as ondas hertzianas

em Janeiro para se dedicar a uma editora acabada de criar –, diz que tem apenas os (sete mil) álbuns sem os quais não sabe viver. O que vai angustiando os 43 anos de Joaquim por estes dias é ter 300 quilómetros entre as duas partes da sua colecção. Por isso, mentalmente vai já imaginando quantos poderá abrigar numa parede quase nua que resiste ainda em Lisboa.

Por muito que se descubram sem dificuldade dezenas de CD nas estantes de Joaquim Paulo, «são acessórios, restos

da longa passagem pela rádio» e têm como única utilidade animar as viagens de carro. «Não entro numa loja de discos para comprar um CD», esclarece. Até porque acaba por oferecer quase todos os que lhe aterram nas mãos.

O contacto de Lisboa

Convencido de que tamanha colecção não se deveria esgotar na passagem pelo gira-discos lá de casa, Joaquim Paulo lembrou-se de propor à prestigiada editora alemã Taschen a publicação de

um livro com capas de discos e jazz, a sua grande paixão. «Serpre achei que há uma componente gráfica tão extraordinária e jazz que merecia ser contada confessa. A ideia fervilhou-lhe na cabeça e a Taschen teria sido sempre a opção perfeita, mas impulso só chegou num belo fim de-semana ao ler uma reportagem sobre a editora e se deparou com um nome bem português Pedro Lisboa, director financeiro. Atrás desse som familiar, Joaquim lançou-se numa perseguição ao contacto de Lisboa acabou por descobrir-lhe o raio em Colónia. Enviou-lhe um e-mail de imediato com a proposta e o homem das contas da Taschen respondeu-lhe que ia passar a bola ao novo editor da casa, o brasileiro Julius Wiedemann.

Organizado por ordem alfabética. Jazz Covers dá destaque à obra de John Coltrane. Ao lado, a página onde figura *A Love Supreme*, disco que o autor do livro ouve quase todos os dias





Joaquim Paulo na sua casa lisboeta, junto de sete mil dos seus discos de vinil, aqueles sem os quais diz não saber viver

À secretária de Julius chegam anualmente cerca de 500 propostas de novas edições. Embora desconhecesse esse facto, o entusiasmo e a adrenalina de Joaquim baixaram, vergadas pela convicção de que dificilmente as portas da Taschen se lhe abririam. So-

que lhe ia na cabeça em relação a **Jazz Covers**, foi prontamente mordido pelo novo editor da Taschen. «Fui fígado pelo aspecto estético», admite Julius. «Tinha muita coisa bonita». Só que ao ser puxado para dentro do universo do disco, não só o jazz co-

Miles está acompanhado pela primeira mulher, Frances Taylor, junto a uma árvore. O tom é inocente, familiar; «mas três dias depois da foto ele estava completamente louco e tentou matá-la».

Um editor da mesma língua

Entre a escrita do *email* e a assinatura do contrato passou-se mês e meio. Tão rápido quanto isso. A partir desse momento, em 2005, começou a parte mais penosa para Joaquim Paulo: a selecção das imagens. Partindo de uma base de 2500 capas, o objectivo era chegar às 690. O critério adoptado foi tripartido: «Tinha de gostar de todos os discos, só depois vinha a importância histórica e serem graficamente muito interessantes. Nunca escolheria um disco que tivesse uma capa maravilhosa mas de que não gostasse musicalmente». E todos os álbuns saíram das estantes de Joaquim Paulo. Todos? Bem, quase todos. «Houve

15 discos que me foram emprestados por um amigo brasileiro, o músico Ed Motta. São discos que queria muito ter, especialmente de jazz argentino». Por ser uma escolha pessoal, não está preocupado com as reacções dos puristas do jazz. Até porque em 690 discos terão muitos que lhes encherão as medidas.

Após a selecção, a atenção de Joaquim e de Julius focou-se noutra aspecto do livro. Para complementar a montra do *design* nos álbuns de jazz, faltava contactar músicos, designers, fotógrafos, produtor e editoras «para obter informações e confirmar todos os dados, datas e referências». Joaquim arregaçou as mangas e iniciou-se na garimpa. Esse trabalho invisível, no entanto, havia de lhe dar as duas melhores histórias na feitura do livro. Uma delas, garante, ficar-lhe-á marcada na memória para o resto da vida.

Uma das entrevistas que Joaquim Paulo gostaria de realizar →

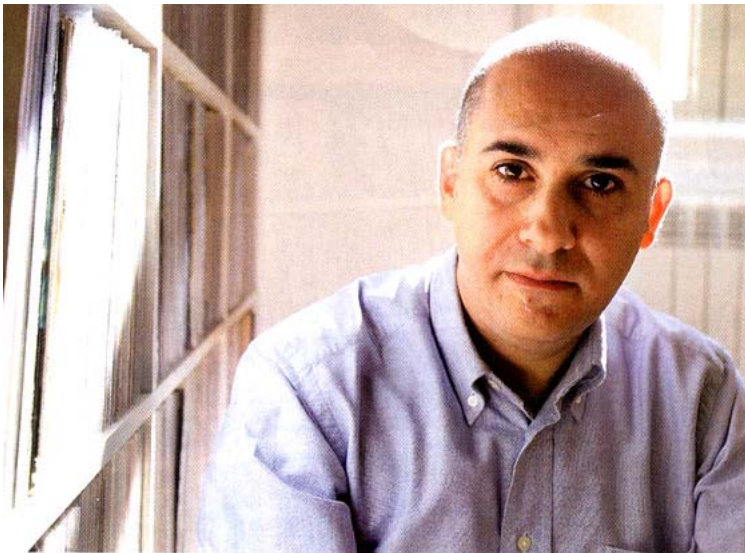
Feitas as contas, juntando todas as rodela de vinil que forram as suas paredes, terá 25 mil discos

bretudo porque até então nenhum português tinha tido a honra de colocar o nome na capa de um livro da editora.

Julius, que nunca fora especial admirador de jazz, não parecia ser; à partida, o homem ideal para se deixar deslumbrar pelos discos de Joaquim. Mas o isco lançado pelo português, entre 50 ou 70 capas para exemplificar o

meçou a lançar-lhe um olhar de sedução, como ficou fascinado pelas milhentas histórias que, para lá da música, dão forma a este género musical nascido em terras norte-americanas.

Uma dessas histórias, que Julius não resiste a recordar; diz respeito a **E.S.P.**, um álbum que Miles Davis gravou em 1965. Na capa, uma fotografia de Bob Cato,



para **Jazz Covers** implicava chegar à fala com o engenheiro de som Rudy van Gelder, homem que gravara todos os nomes grandes do jazz – como Miles Davis, John Coltrane ou Thelonious Monk – e que só por uma vez na vida concedera uma entrevista. «Estive seguramente um ano à

do jazz gravados para aquela editora era atribuída a Robert Flynn/Viceroy. No entanto, quando Joaquim Paulo questionou Creed Taylor, o fundador da companhia, sobre quem era aquela misteriosa figura, a resposta que obteve foi um «não sei, não me lembro» que parecia re-

seja só um bocadinho, para lhe lavar a alma. E, acredite-se ou não, ouve mesmo os discos todos. Em casa, tem montado um dispositivo que lhe permite gravar o álbum directamente para o iPod logo que o toca pela primeira vez no gira-discos. E concretiza: «Há discos que oiço todos os dias, outros que oiço uma vez por ano. A ideia de amearhar não me faz sentido nem me agrada». Por isso, não se define como um coleccionador: «Não tenho de ter tudo», distingue. «Compro bastantes discos, reconheço que é um lado compulsivo e obsessivo, mas só compro aquilo de que gosto. Agora, não consigo ir a um sítio, viajar, e não tentar descobrir uma loja de discos. Já o fiz nos sítios mais inacreditáveis». Como aconteceu em pleno cená-

damente japoneses». Tóquio é santuário dos discos que lhe falta visitar. Mas está para breve, acredita, até porque a edição simultânea de **Jazz Covers** – que é já um sucesso segundo as contas da Taschen, com uma segunda edição prevista para Janeiro – em inglês, francês, alemão, castelhano e japonês – isso obriga. Joaquim Paulo terá já em preparação, com a editora, outros dois volumes: um dedicado a *soul* e *funk*, outro bossa nova e tropicalismo.

Nessas viagens, Joaquim Paulo faz-se sempre acompanhar por dois sacos vazios que comportam cem discos. «Levo-os sempre por que sei que têm o peso para conseguir passar na fronteira e que tenho de me controlar, são aqueles dois sacos e nada mais». Mas nem sempre se controla. No regresso da última viagem a São

‘Viajo sempre com dois sacos que comportam cem discos e que têm o peso para passar na fronteira’

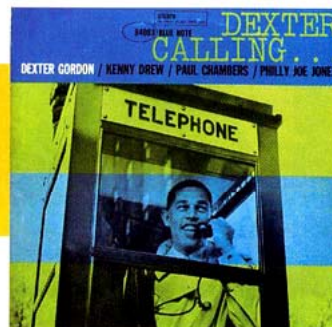
espera da resposta», confessa. «Mas ele é uma pessoa completamente reclusa e só com a ajuda de outro produtor é que consegui». Quando finalmente teve luz verde para se encontrar com van Gelder e passar a porta do estúdio em Englewood Cliffs, nos Estados Unidos, a ideia de Paraíso deve ter-se-lhe tornado palpável. «É um dos momentos que vou recordar seguramente para o resto da minha vida, por ter conhecido uma peça fundamental na história do jazz. Foi um momento quase espiritual entrar naquele estúdio lindíssimo, todo em madeira, e fazer uma visita guiada pelo sítio onde foram gravados os discos de que mais gosto...». Foi durante a visita que van Gelder lhe revelou, por exemplo, que «naquele canto gravava o John Coltrane, de costas, porque não gostava de ver os músicos».

A outra grande revelação surgiu na preparação de **Jazz Covers** prende-se com a assinatura das capas da histórica *Impulse!* Parte considerável dos clássicos

meter a sua busca para terrenos mais próprios de um episódio de *CSI*. Quase com o livro terminado, descobriu-se que «Flynn nunca existiu, era simplesmente o nome adoptado por uma companhia de *design* contratada, em que o designer mais disponível é que fazia a capa».

Sorte na alfândega

Quase todos os dias, ao acordar, Joaquim Paulo ouve *A Love Supreme*, de Coltrane. Nem que



Uma das 690 capas que compõem *Jazz Covers: Dexter Calling*, de Dexter Gordon

rio de guerra, na Jugoslávia, ao serviço da Rádio Nova.

Ocasionalmente, programa viagens especificamente para comprar discos. Muitas vezes para os Estados Unidos, muitas outras para São Paulo, «uma cidade incrível para comprar, com muitas lojas, e um ponto de encontro interessante com gente de outros países – nomea-

Criadores de modas

Taschen

FUNDADA por Benedikt Taschen em 1980, a Taschen começou por ser uma pequena loja de *comics* de 25 m² em Colónia. Aos poucos, Benedikt passou a vender edições próprias. Em 1984, à beira da falência, o pequeno editor arrisca tudo para sobreviver: gasta todos os fundos na compra dos restos da edição de um volume sobre Magritte e investe a receita na publicação de um livro de fotografia que consagra o nome de Annie Leibovitz. A partir daí, a Taschen passa a ser referência máxima na publicação de livros de arte, fotografia, cinema, *design*, decoração, arquitectura, etc.. Hoje, divide-se entre as belíssimas edições de luxo e as outras, também belas, ao preço da chuva, que vendem milhões. 'Não seguimos modas, criamo-las' é o lema.